

Dílson Lages Monteiro

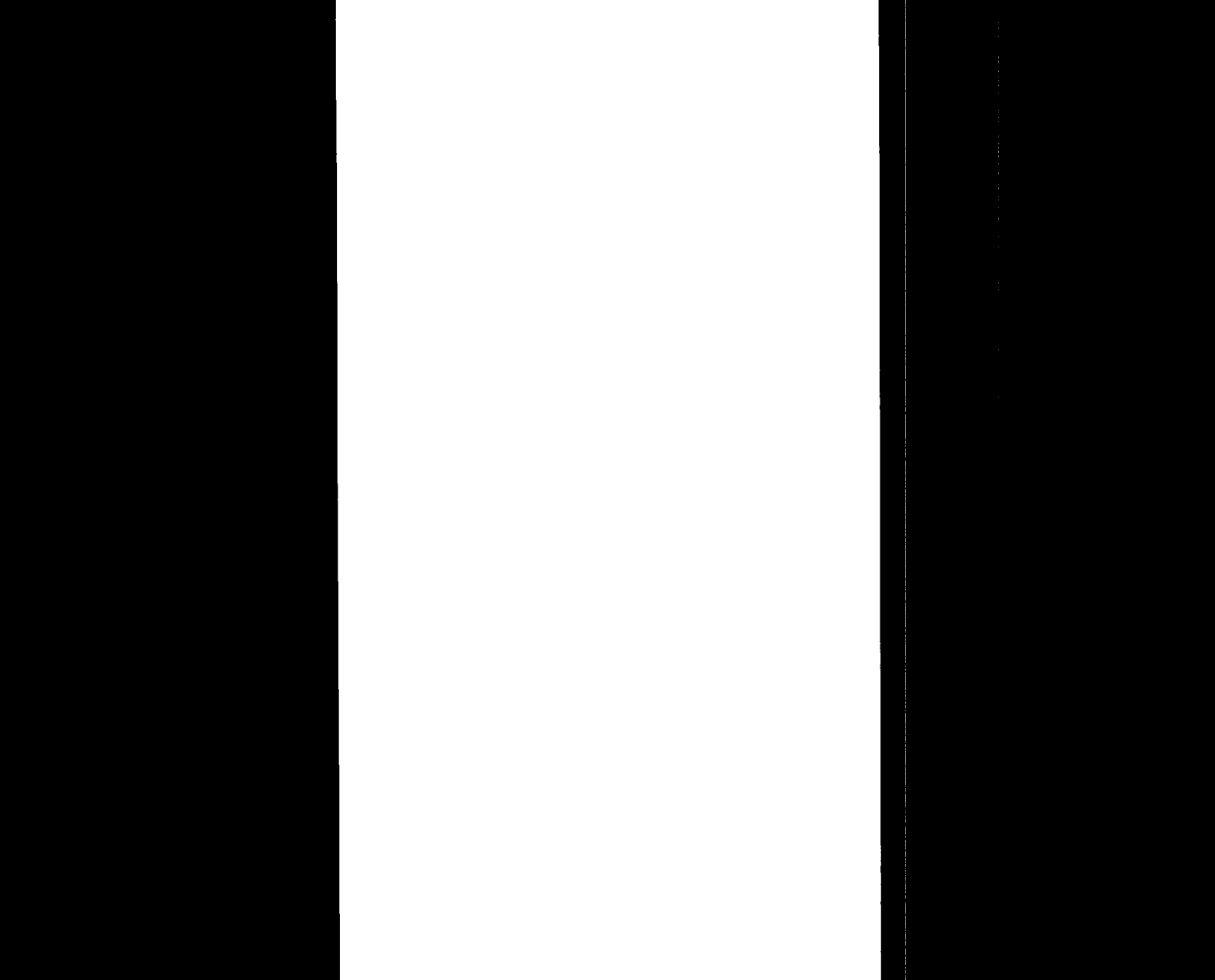
ARES E LARES
de AMORES
tantos



Entretextos



ARES e LARES
de AMORES
tantos



Dílson Lages Monteiro



Teresina-PI
2014



Entretextos

ARES E LARES DE AMORES TANTOS

© Dílson Lages Monteiro, 2014 - Portal Entretextos

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Dílson Lages Monteiro

REVISÃO

Dílson Lages Monteiro

CAPA

Elo Art.Design

PROJETO GRÁFICO

Jorge Thiago

Ficha Catalográfica: Larissa Andrade CRB – 3/11/9

Monteiro, Dílson Lages.
Ares e lares de amores tantos.
Dílson Lages Monteiro – Teresina: Edição do Autor, 2014.
308 p.
ISBN 978-85-913104-4-9
1. Literatura Brasileira – Poesia. 2. Literatura Piauiense – Poesia.
3. Literatura Piauiense – Poemas.
I. Título.

CDD 886.91


Entretextos

Portal Entretextos

Av. Pedro Almeida, 60, sala 21.
São Cristóvão, Teresina-PI 64052-280
086.3233.9444 086.9554.0103
www.portalentretextos.com.br

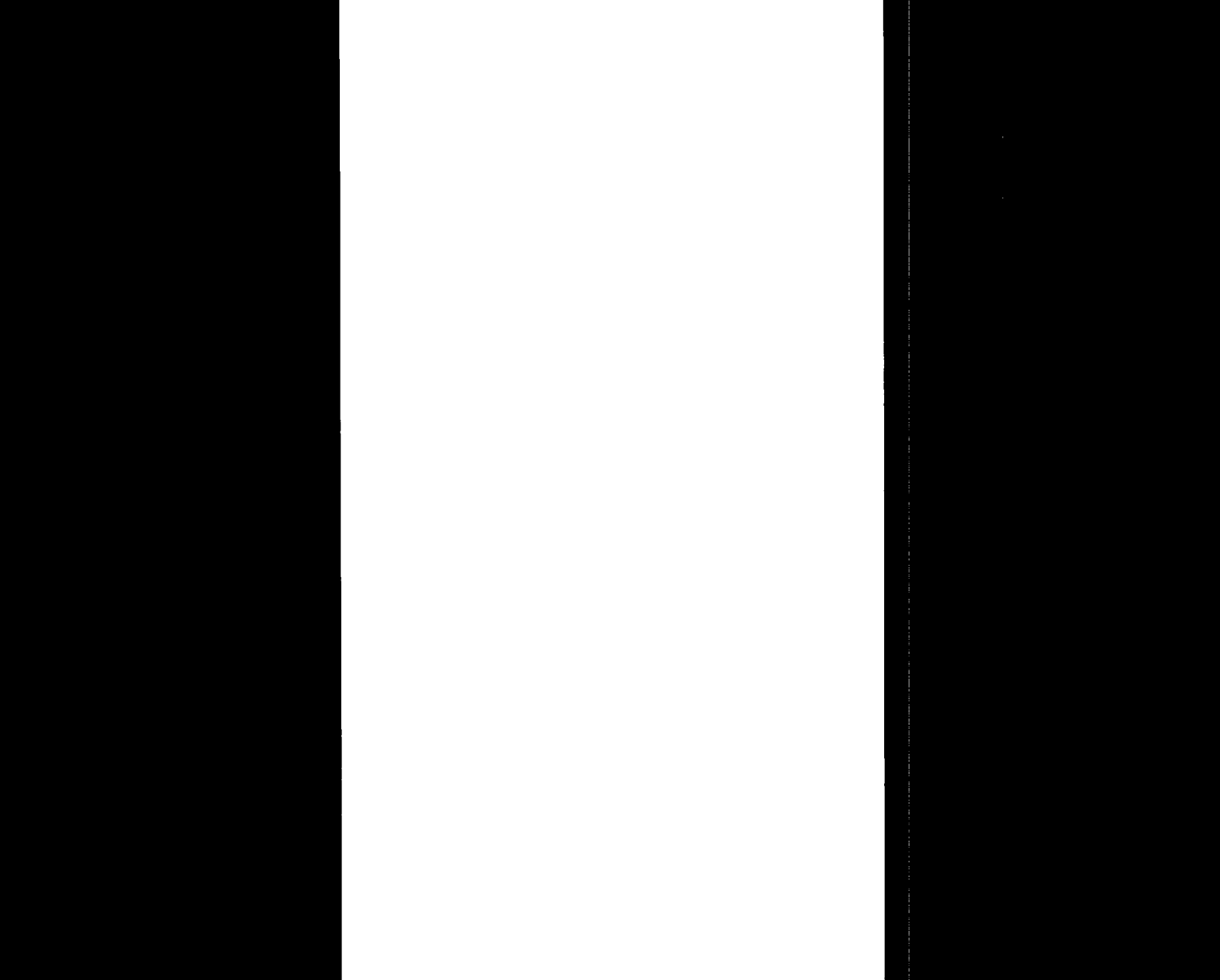
Todos os direitos reservados de acordo com a Lei nº 9.610, de 19/02/1998. Nenhuma parte deste livro pode ser fotocopiada, gravada, reproduzida ou armazenada num sistema de recuperação de informação ou transmitida por meio eletrônico, sem o prévio conhecimento do autor e do editor.

SUMÁRIO

<i>Sempre hoje</i>	11
<i>Ares e lares de amores tantos</i>	12
<i>Quando o tempo vira ar</i>	14
<i>Marataoã</i>	17
<i>(De) pois</i>	18
<i>Poema da cidade ausente</i>	20
<i>Aulas de música</i>	22
<i>Maria Isabel</i>	24
<i>(Despe)d(ida)</i>	26
<i>Des-tino</i>	28
<i>O voo do céu</i>	29
<i>Dias que se repetem</i>	30
<i>Tiradentes</i>	31
<i>Tão perto, tão longe</i>	32
<i>Olinda</i>	34
<i>Monólogo de todo alienado</i>	36
<i>Geografias das ruas</i>	39
<i>A nova era</i>	43
<i>Passatempo</i>	44
<i>De repente</i>	45
<i>Roupa nova</i>	46
<i>Libertação</i>	47
<i>A gênese da oração</i>	48
<i>Prenúncio da aurora</i>	49
<i>Sou maior do que sinto</i>	50

O vaga-lume voa na tarde.....	51
Na superfície.....	52
Olhos no infinito	53
Anjo da guarda	54
Chuva na alma do rio	56
Passageiro do sol	57
Olhos no infinito.....	58
Velocidade máxima	59
Domingo	60
Palhaço	61
Permanência.....	65
A (re)invenção do homem	66
Flash numa flor.....	67
(In) decisão	68
A vaidade do verão	69
Terapia	70
Por trás das palavras	71
Remédio para ressaca	72
Cem palavras.....	73
Parada para a passagem da musa	74
Sim.....	75
De corpo e alma.....	76
Sombra de eros	77
Rosas no céu	78
(In)certeza da ilusão.....	79

<i>Samba na avenida</i>	80
<i>Tal vez</i>	81
<i>O poeta contempla a lua</i>	82
<i>Delírio</i>	83
<i>Camisa de força</i>	84
<i>A mulher de neon</i>	85
<i>Porvir</i>	86
<i>Corpo incandescente</i>	88
<i>Lei da natureza</i>	89
<i>Assim</i>	90
<i>Conjugação</i>	91
<i>O galope das estrelas</i>	92
<i>Cinco minutos</i>	93
<i>Embriaguez</i>	94
<i>Devaneio</i>	95
<i>Peripécia urbana</i>	96
<i>Alma (des)encontrada</i>	97
<i>Carne de papel</i>	98
<i>Dilema</i>	99
<i>Coração sem fronteiras</i>	100
<i>Senhora de mim</i>	101
<i>Janela do infinito</i>	102
<i>(Re) presa</i>	103
<i>Sinestesia</i>	104
<i>Poema entre quatro paredes</i>	105



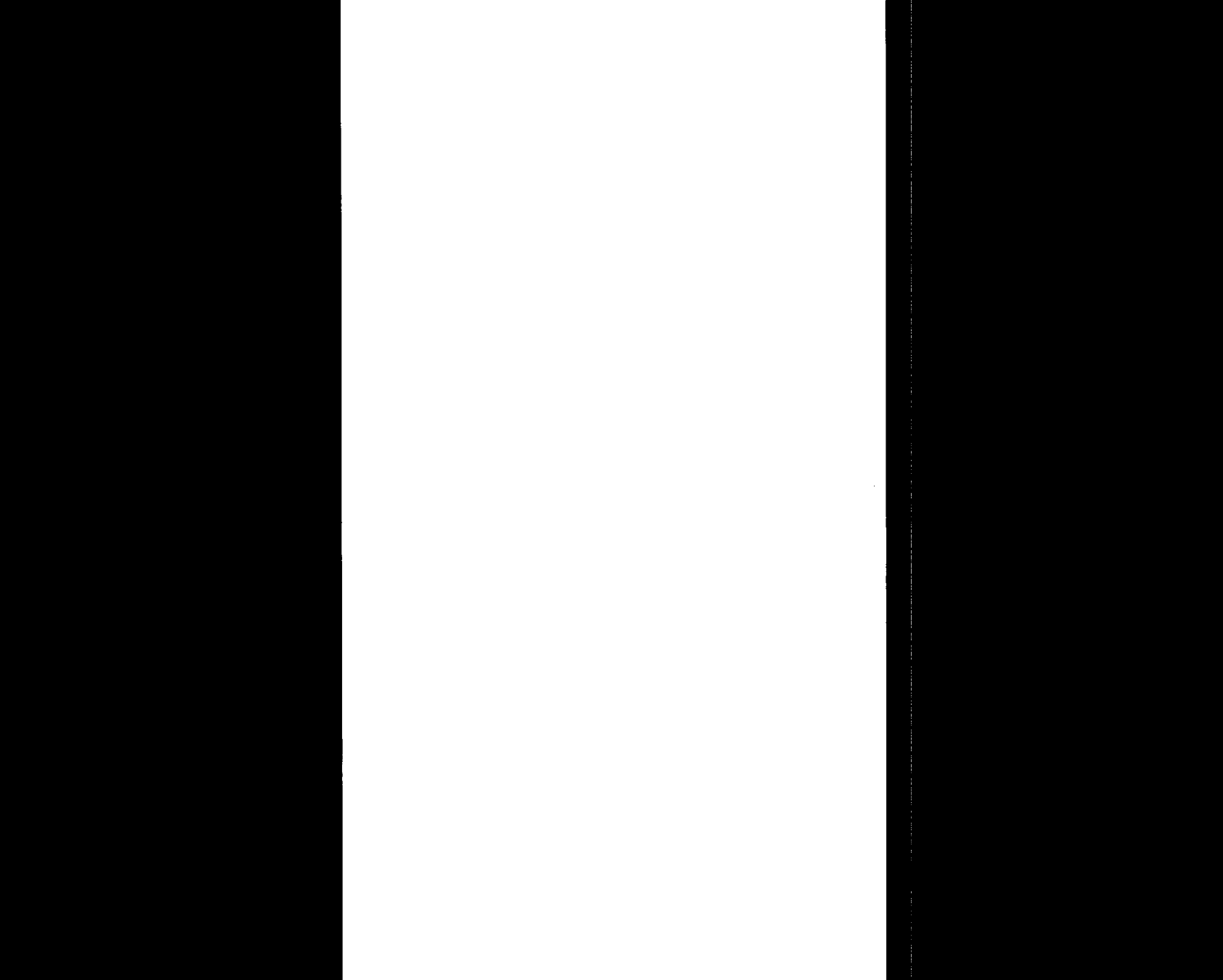


|

“começa como
essa hora
o depois
do porvir
o após das manhãs
nas entrelinhas
da terra”

*“Dílson Lages cria novas metáforas buscando
ilações inusitadas e auscultando os diversos sons
provenientes destes seres peculiares que integram a
personalidade humana de cada um de nós.”*

*Ricardo Araújo – poeta, pós-doutor em Semiótica e
professor da Universidade de Brasília*





Dílson Lages Monteiro

SEMPRE HOJE

*Antes das matas encharcadas de chuvas
termina-e-começa o palmilhar das roças
como essa ânsia de sempre hoje.*

*Depois das tardes fechadas em si
depois do chumbo-róseo no céu de nuvens
depois do raio na palmeira da estrada.*

*Antes o sol se dilata em todo reflexo de luz
na pele marrom das árvores
ou no couro indefinido do chão.*

*Começa como essa hora o depois do porvir
o após das manhãs nas entrelinhas da terra
como essa ânsia de sempre hoje.*



ARES E LARES DE AMORES TANTOS

Para José Carvalho de Almeida (1770-1869)

Patrono de Barras do Marataoã

*Nesta terra fecunda
fertiliza-se a tez
de minha memória
outros ares e lares
de amores tantos.*

*Ares e lares das mãos distantes
dos olhos tão próximos
que o coração comporta.*

*Outros trajetos em forma
(dê)formam e suspendem
o piso, o teto, toda a estrutura
de minha altura agora
e satura o sentir
sem ti aqui.*



*O pisar nos paralelos chãos
vá(rios) de teu ovário de virtudes
onde papai imortalizou o amor
onde a paz de um nome resta
e o sangue de meu DNA.*

*Gritam no adro da igreja
os sonhos de meus antepassados:
o gado nos campos de capim mimoso
e a fé dos Carvalho de Almeida.*

*Nesta terra fecunda de faces
fertiliza-se a tez de minha memória:
o rastejar do rio
o aconchego das casas geminadas
o cochicho das calçadas*

*E os olhos abertos da saudade
de outros ares e lares
de amores tantos.*



QUANDO O TEMPO VIRA AR

Para Adalgisa Pires de Carvalho e Silva
(em memória)

"E quando dezembro chega, todas as vezes que adentro àquela casa, ainda vejo Dasiinha, divinamente gorda, sentada na rede a confeccionar rosas ou a rezar. Ainda vejo os morcegos em peripécias na antessala, o gosto embriagante dos jasmims no tato de cada compartimento; o quadro, em que reluzia como ilustração um buquê de flores e as palavras santas: "O senhor é meu auxílio, não temerei!" Ainda vejo a cidade, contemplando as cores do presépio da velha Senhora, cujo destino optou pela silêncio da fé".

Dezembro desabrocha no chão
de onde a terra leva e leve
o cheiro da chuva e dos jasmims

da porta ao quintal.

Dezembro de Dasiinha e das dores
da Senhora Nossa da Conceição
no peregrino passo

os olhos molhados de preces.



*Ah! Dezembro no teto (des) habitado de morcegos
amanhã estrelas desenha
onde os vitrais se alargam palpitantes*

onde a porta-a-sala-e-a-casa:

*A cidade se abre
para Jesus renascer
segurando as mãos de Dasiinha*

onde imagem-ação, o esperar do ano novo.



*Ah! O ar de agora e de sempre
no Pai Nosso e em Cada Dia
do quintal à porta*

onde a bisavó armava

*as margaridas nas janelas
e o carmim do céu
para o vento (ex)altar a procissão.*

*Dezembro em tijolos
na cabeça do povo
os dedos derretendo em velas*

*e a luz do fogo em filas
e os férteis pés e firmes
na comum-união de todos as classes:
dezembro e a promessa*

de que o tempo vira ar.



MARATAOÃ

Para José do Rêgo Lages

*O rio corre em meu coração
e separa os sentimentos da areia.*

*A vaga das águas vai
virando pó em pensamento
e a estrada encurta distâncias.*

*O rio viaja no horizonte
onde dançam os cabelos das carnaúbas
e soluçam os olhos do sol.*

*O rio corre em meu coração
e deságua nas correntezas do caminho.*



(DE) POIS

*Parto ilhado em labirintos
e lado a lado me elevo
partilhado de confis(sões).*

*O peito em voltas
volta o alto voo
volta lado a lado
no ventre da contramão.*

*Esse sentido das palavras sentidas
antes dos tons e feições
os sons antes da forma primeira da letra.*

*Esse sentido da tarde em partículas
como os braços da rede em seus abraços
abre as brechas do chão
esse sentido na casinha sem parede.*

*Abre-se o carrossel de cores e de céu
abre-se e flutua
tua fazenda de argila e de sonho
tua antevisão de morros e florestas.*



*Flores por estas
se fores assim como eu
me confundo e fundo
o fervilhar de m(eus)
diálogos de pedras.*

*Na incompleta essência a infância se parte.
Parte a sílaba na música da casa do avô:
a estrada de areia o balé dos anuns
e a noite sem fim no mugido do gado.*

*Parte a arte e o ar da tarde
este sol de sal e saudade
dor e gelo na ponta da língua:
parte o pôr da tarde em partículas.*

POEMA DA CIDADE AUSENTE

*"A semana corria na ânsia de que o domingo chegasse
como as correntezas dos cõrregos nas chuvas.
Dia de missa e de banhos no Marataoã, dia de retreta.
Noitinha. Jovens circulando em sentido oposto:
homens e mulheres. O tempo do regresso varrendo o
vento: "Nove horas, em casa". E a doce sensação de
leve-estar".*

*A retreta ecoa o gosto da noite
e o som do espaço em círculos anoitece
onde o dedo de Deus tocou
a beleza o calendário decompôs.*

*Vai-e-vem a valsa de vinte anos passados
em cada passo na praça
comprimem corações e olhares
os dobrados da Lira Barrense.*

*Na Senador Joaquim Pires
contrário ao relógio das mãos
o tempo contrário
à hora marcada da saudade
de hoje como nunca
os corações e olhares.*



*Mamãe regendo o retorno e a alegria
de ver o silêncio no adro da igreja
como a calmaria dos secos pastos ao sol.*

*Na década de oitenta a praça
confusa de dias-e-noites
na fusão do amanhã distante
o desejo do menino
o brilho de mil estrelas
no peito dos namorados.*



AULAS de MÚSICA

*Cibinga e Cidu
no terreiro que pisam
pisam ferro brasa pisam
pisam o terreiro que pisam
Cibinga e Cidu.*

*Raios e rugas desenferujam
na velha usina e no mercado
ferve o vento e circulam
como o corpo do camaleão
Cibinga e Cidu.*

*No fole-força força põem
muita força pouca luz
velho ferro se traduz
em foice-faca e reluzem
Cibinga e Cidu.*

*Pouca força muita luz
em vermelho-ou-amarelo
toda peça se reduz
toda cor no fogo
de que vale
se no corpo se ilumina
a presença de muita luz.*



*Se o metal amola a bigorna
se berra o martelo
se brilham na água
a perfeição do operário
e a presença dos reflexos
Iluminados da rua.*

*Nas alturas do mercado
ou no terreiro na usina
o passado se apagou.*

*Pinga-pinga a batida
do martelo de Cibinga.
Pinga-pinga a batida
do martelo de Cidu
no ouvido do menino
a presença iluminada
da luz.*

MARIA ISABEL

*De Alzheimer ou demência
adormeceu Maria Isabel
no esquecimento.*

*Adormeceu e aquece o solo
o silêncio da selva escura
para onde caminham
os fantasmas de cada lembrança:*

*Maria Isabel
no nome o ciclo das gerações
circula o ponto em comum
o clarão aceso das retinas
os cílios do poço nas profundezas
e se apaga na passagem de algum dia.*

*Adormeceu meu céu a dor
meu e seu – de cada leitor
no reflexo do desaparecimento
de Maria Isabel.*

*Inda a procuram nas trilhas da mata.
Almas inconformadas inda gritam sem eco.
Inda cavalgam valentes
no Morro da Bomba
debaixo do pé de crioli.*



*Nas sombras das árvores
no esconderijo das nuvens
submersas nas águas
inda procuram réstias de roupas
fios de cabelos rastros de gente.*

*Deus aparece e desaparece
nas preces de todo pedinte:
Maria Isabel desmontada em peças
na gula furiosa dos urubus.*

*Desaparece e aparece
inda transpira pelo vento do quintal
onde as cirúrgicas mãos
sob os olhos grandes dos meninos
inda transpira o pó das vassourinhas
e dos alecrins varrendo o morro
e a fertilidade da terra.*

*Inda transpira a dúvida
e a certeza:
de Alzheimer ou demência
morreu Maria Isabel
de esquecimento.*

(DESPE)D(IDA)

Para Manuel do Rêgo Lages

*Pesam as horas nas palmas da rede
e o olhar que pede o último abraço
para braços demais um corpo apenas
desgarrando-se das garras do ar.*

*O quarto levita a tristeza
de rosto em rosto o ritmo da despedida
da ida sem volta na voltagem da vida
ou da morte do tempo finito.*

*O suspiro suspenso na breve passagem
de incertezas-paisagens como o corpo
preso aos restos da carne.*



*A visão de vertigem procura a cura
procura o filho-irmão-neto-esposa
o pai- a mãe – o avô procura
os espíritos no pouso de depois se encontrar.*

*No centro do quanto o corpo do “coronel”
vai (des)erdando e ardendo
nos olhos-chaminés da tarde acesa.*

*Às cinco horas certas do amém
e das mãos (re)colhidas
nos olhos que se encerram além
da luz veloz do último adeus*

*Além
de onde Deus se esconde
deitado na grama das nuvens.*



DES-tino

No livro de lírios
leio rios
de água barrentas..

E na paisagem
o barro seca
a terra racha
em tênue canção .

Leio rios
onde as casas se chamam
abandono
e as dádivas da natureza
o destino colheu.

Leio rios
nas estradas da infância
por onde meninos
em seus cavalos d'pau
fabricam poeira
e oásis.

Leio rios
nas fazendas ricas
de miragens
que o tempo comeu.



O VOO DO CÉU

*Como a manhã sem pressa
no alto da colina
nasce a palavra na retina
onde crescem a lavoura
e o voo do céu.*

*Nasce sem pressa a manhã
no leito lento do rio
onde reses ruminam
a mina do sol.*

*Nasce sem pressa a manhã
nos palácios de palha
onde o corpo repousa
o silêncio do cio.*

*Como a manhã sem pressa
no coração da imagem
crescem a lavoura
e o voo do céu.*



Dias que se Repetem

*O fogo fortalece
a fortaleza incerta
do após*

*Aposta-se o destino
dos sonhos não vividos
E a emoção parte
lentamente
das praças órfãs.*

*Aposta-se o povo
nas carrocerias dos caminhões
e a sombra do inferno
cobre as vozes
mascaradas de progresso*

*Enquanto a cidade para
no enterro dos vivos.*



Tiradentes

*Palpitam e apitam
em ruas de rumores e estações
as pedras palpitam minas e ouro.*

*Palpitam como as encostas da serra
palpitam nuvens e cerração
o céu de sol e sombra
em silêncios e orações.*

*A Maria Fumaça parada, parada
na viagem derradeira
reviva em cada charrete
como o passado em ilusão.*

*Tiradentes palpita.
As encostas da serra
as ruas de pedras
palpitam e apitam paradas.*

*Nos rumores da estação
palpita a Maria Fumaça
em cada charrete apita.
Palpita e apita*

Tiradentes parada.

TÃO PERTO, TÃO LONGE

*O meio da noite mal-trata
menino teimoso e recolhe
ao redor todas as sombras*

*No candeeiro, a cara da onça
o curral dentro do quarto.
Pasta o gado no guarda-roupa
debaixo da cama do avô*

A onça escondida no urinol.

*Na noite mal-trata o meio.
Mexe com o medo da morte
de morrer criança ainda.*



*A onça ronda o terreiro.
Quer devorar o cavalinho de carnaúba
beber os espinhos dos cactos
para os dentes afiar*

Mal-trata o meio, a noite.

*Na paisagem do pensamento o sonho
de ver Antônio Marcelino
trazendo os olhos da fera
como as amêndoas do babaçu*

*Mal-trata o meio as noites.
Em meio ao medo meu silêncio
a palavra formou.*

OLINDA

*Linda e descalça
caminhas assim no céu
linda, Olinda
elevada sobre o mar
elevada de espumas
azuis, meus olhos-teus
naturais.*

*Nas ladeiras de velhas
histórias-e-adornos:
detalhes de minha pele
de deslumbramentos.*



*Lento esse olhar
das casas fechadas em si:
o espelho e as tardes
nos sinos das igrejas
o velho-novo repicar
do tempo em versos
linda e descalça, Olinda.*

*Lindo esse olhar
e a cidade
de idades incertas
de antes e depois
de todas as horas
e braços*

Linda e descalça, Olinda.

MONÓLOGO DE TODO ALIENADO

*Eu assisti às multidões marcharem
em massas surdas
e suas bandeiras
de partidos
multidões partidas entre o interesse
e a emoção.*

*as multidões metidas em seus disfarces
riscando as ruas sobre motos, carros, bicicletas
ou no peso que mal comporta
em cada corpo e oração.*

*as multidões
gritando o nome de suas desilusões
na repetição das antigas estórias
repetidas.*

*as multidões trôpegas
e o estalar dos foguetes
as pernas cruzando carrocerias
e o sonho - que sonho! - de poder decidir
os rumos de cada lugar.*



*eu assisti às lagartas despirem
como antes
em sua fome
as folhas das árvores
calado e arrependido
dos ruídos de minha alienação.*

*eu e as multidões nos confundimos
de quatro em quatro anos
repetimos o ciclo da natureza — sol e chuva —
e os vícios que o tempo ou nossa ignorância
não ousam sepultar.*

*oh multidões de que somos feitos:
pele, vísceras e autoengano
acaso pertencemos a que parte de nós
se não à metade de cada metade
e ao todo que é massa em procissão.*



*eu assisti ao arrependimento
das casas, das praças
e até do ar*

*esperando que o vento toque
em outra direção.*

*e quem duvida que a dúvida
mais certa que a certeza
põe-me perguntas na garganta
de toda paixão?*

*e quem duvida que a vida
e seus partidos
seja só de ilusão?*

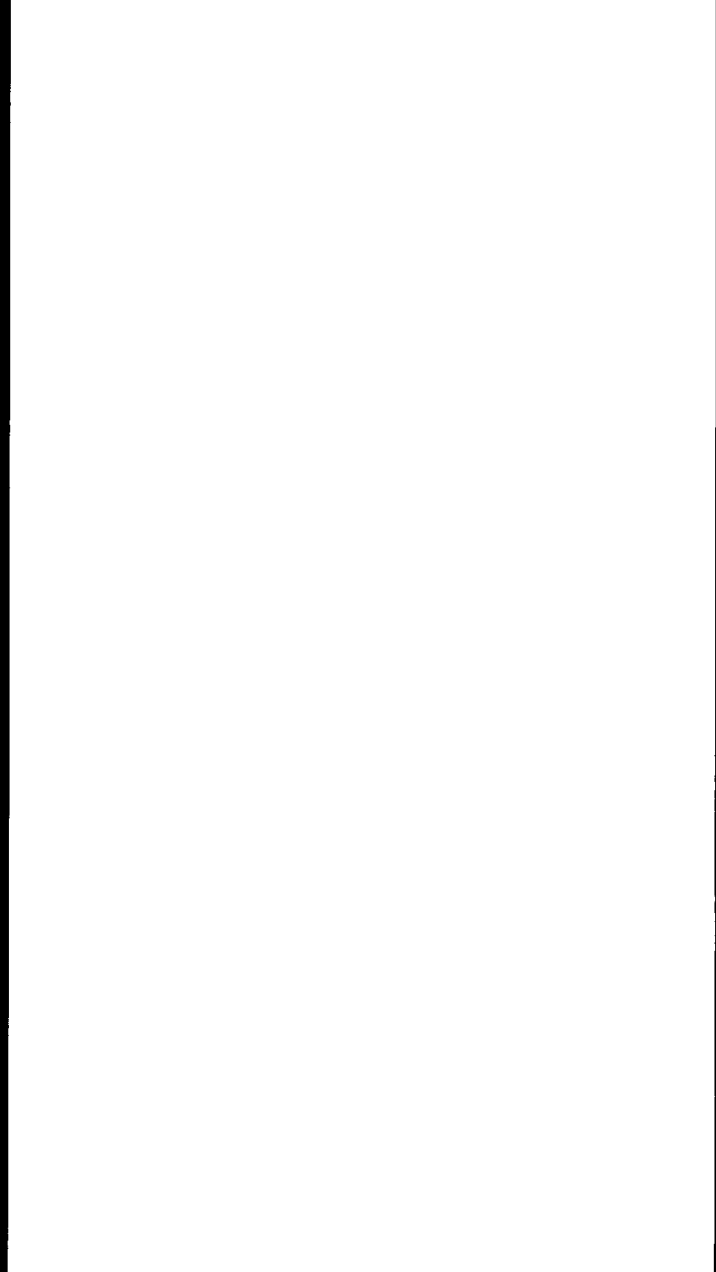


Geografias das Ruas

*Se a terra prometida em teus olhos se deita,
deixa que ela sopra sobre ti canções de ninar.
Se o chão se suspende em vendavais e cortinas,
deixa nos caminhos um pedaço de ti.*

*Deixa na geografia das ruas
nos olhares e serras, montanhas e superfícies
tuas repartições:
uma parte de teus cismares
e os mares de tua poesia
desencontrada.*

*Por que ainda desafia as teclas do sentido
se ainda anda e mina o vulto
do que passou como luz?*



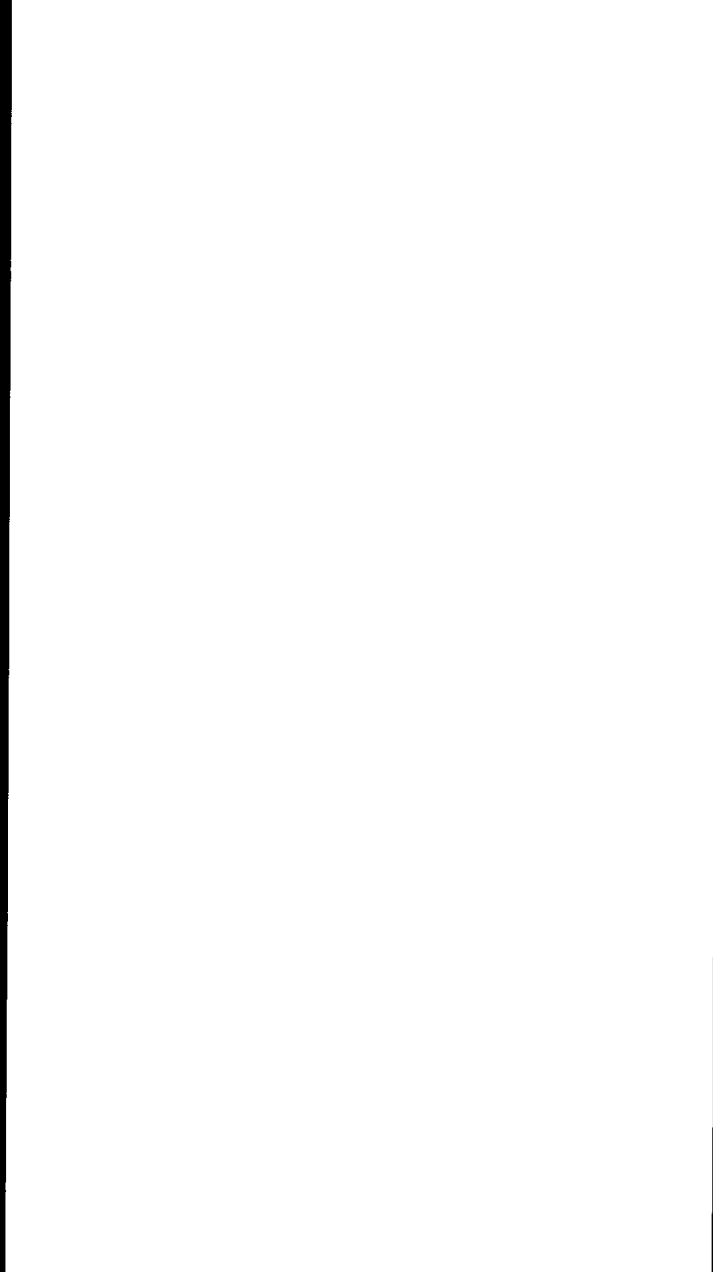


II

“QUERO
ENCONTRAR
A PALAVRA
PERENE EM TUDO
O QUE SINTO”

“Sua poesia demonstra a possibilidade de unir-se imaginação a uma preocupação com novas formas de expressão poética. Você procura descobrir uma nova forma de rearticulação da linguagem que o liga a toda a tradição vanguardista de cada literatura. Esta rearticulação da linguagem e forma nada tem com a atual modernidade, pelo contrário, demonstra que a poesia tem uma linguagem cada vez mais universal e, paradoxalmente, cada vez mais nacional.”

Clóvis Moura – poeta e sociólogo





A NOVA ERA

*Os sons sopram em minha audição
sutilezas e paisagens.
Ando assim a esmo
mergulhado em eterna sensação.*

*Nem sei se ouço o que ouso.
Ouço e vejo minha imaginação.
Terras por onde o chão fluído
dorme como o coração.*

*Das janelas de onde me olham
os besouros da nova era
o mundo entre folhas e jardins
os olhos e o infinito.*



PASSATEMPO

Ontem
a voz dos versos
vadiava na vontade de viver
profundamente
todas as horas perdidas.

Hoje
o sentimento ganhou asas
fortificadas pelo tônico tom
da música das casas
por onde passei
sem avisar.

Embora amanhã
o coração naufrague no ar
enfraquecido pelo domingo
amargo
que quer dançar comigo.

Ainda assim
hei de esperar
os olhos oblíquos do tempo
a me chamarem
para a embriaguez.



Dilson Lages Monteiro

DE REPENTE

*O combustível que consumo
a alucinação solitária
de alguém sumindo na sombra.*

*À margem de mim
posso ver o verão
de passagem*

e descubro o céu azul.



ROUPA NOVA

*Acordo a madrugada
e repouso em mim a noite que dormiu
demais
para despertar a manhã
e vestir-me de céu.*



LIBERTAÇÃO

*Ensaio a canção do sábado
no destino do trem.*

*A viagem geme
gelada de incertezas.*

*Seca a sede do rio
deságuam os erros
na rotina da estação.*



A gênese da oração

*Em estado de poesia
a palavra procria a imagem
e semelhança do homem.*

*Em estado de poesia
a imensidão dança pequena
no infinito dos olhos
e os pensamentos emoções
molham de lágrimas
as lembranças alegres.*

*Em estado de poesia
o poeta menino
colhe música com o tato
e a tristeza é canção.*



PRELÚCIO DA AURORA

*A metáfora de meus olhos
sangra o sal sagrado
dos mares bravios.*

*Vejo tempestade
na tarde decadente
e me escondo
da destruição do tempo.*

*Sinto o céu celebrar
a bravura do desconhecido
e deslizar nas nuvens o amanhã.*



SOU MAIOR DO QUE SINTO

*Paro para explodir
o que em mim sobrevive
depois da tempestade.*

*As ruínas do eu naufragam
em minha veias
e o sorriso se desfaz
no vento que leva
a voz do sonho.*

*Fico a esperar os raios da manhã
rirem da vaidade dos deuses
enquanto bebo a fumaça do ar.*

*O silêncio me serve de consolo
e me abraça
com a vontade de devorar o mundo
e arrancar o coração das paredes.*

*Paro para explodir
o que em mim sobrevive
mas sou maior do que sinto.*



O vaga-lume voa na tarde

O vaga-lume veste a tarde
com as cores da noite
e compõe no asfalto
a trajetória do dia.

Mas o brilho do sol
amanhece nos edifícios
e despacha as sombras
que escurecem o caminho.

O vaga-lume veste a tarde
com as cores da noite
e sua luz luta
contra a loucura da manhã.

O vaga-lume veste a tarde
com as cores da noite
e a claridade da cidade
some no clarão
das praças solitárias.



NA SUPERFÍCIE

*Quero encontrar a palavra
perene em tudo o que sinto
mesmo no lamento escondido
nas letras despidas da moda.*

*Quero a beidade feliz
instantaneamente sozinha
quando as lâmpadas acendem
a presença do vazio.*

*Quero mil poemas
disfarçados em um
com o suor dos verbos
a cair sobre o chão.*

*Apenas rejeito
o açúcar das rimas
que acalenta
o suicídio dos mortais.*



OLHOS NO INFINITO

*A palavra seca
o rio que nasce
nos meus olhos.*

*Semeio suor
nos ombros do tempo
e a vida do silêncio
brota nos jardins
que o olhar esconde.*

ANJO DA GUARDA

*A minha arma
não é o revólver dos desalmados
nem a faca do sertão.*

*A minha arma é a transpiração
a ruborizar a face
pronta para decompor
as fagulhas de ódio
que se suicidam no nascedouro
ainda semente
sem a fertilidade do arado
de meus ancestrais.*

*A minha arma
é o peito aberto
como teto em ruínas
quando o inverno
acaba de chegar.*



*As goteiras abrem-lhe o olhar
e perfuram o corpo
com o tiroteio dos pingos
o cupim envenena as veias
e fura o pau-d'arco secular.*

*Mas a praga e a chuva passam
como passa o sol
rejuvenescendo o corpo da casa.
O sangue irriga as paredes
e afoga
com o óleo vermelho da vida
a felicidade dos roedores.*

*Incompreendido e maltratado
o coração atira sorriso
e planta a espera
de um mundo plural.*

CHUVA NA ALMA DO RIO

*Correm pelo rio
flores sem perfume
e as faces do silêncio.*

*Correm as águas de dezembro
e a malícia das margens
germinando inundações.*



PASSEIRO DO SOL

*O ritmo dos rebeldes rege
a velocidade da desgraça urbana
e o dia dispara nos corações
raios desaguando rios
no caos das avenidas.*

*As correntezas das ruas
correm como reses
nos campos do sonho
e iluminam a passagem do sol.*

OLHOS NO INFINITO

*A palavra seca
o rio que nasce
nos meus olhos.*

*Semeio suor
nos ombros do tempo
e a vida do silêncio
brota nos jardins
que o olhar esconde.*



VELOCIDADE MÁXIMA

*O motoqueiro ronda a rotina
nas ruas da velocidade.*

*O capacete no braço
fumaça no ar
o broto na garupa
fumaça no ar
a emoção em duas rodas
fumaça no ar.*

*A pressa da cidade voa
e o passeio devora a hora
quando os corpos na calçada
recolhem-se para o silêncio.*

*O motoqueiro ronda a rotina
e desmonta a noite
na porta do céu.*



DOMINGO

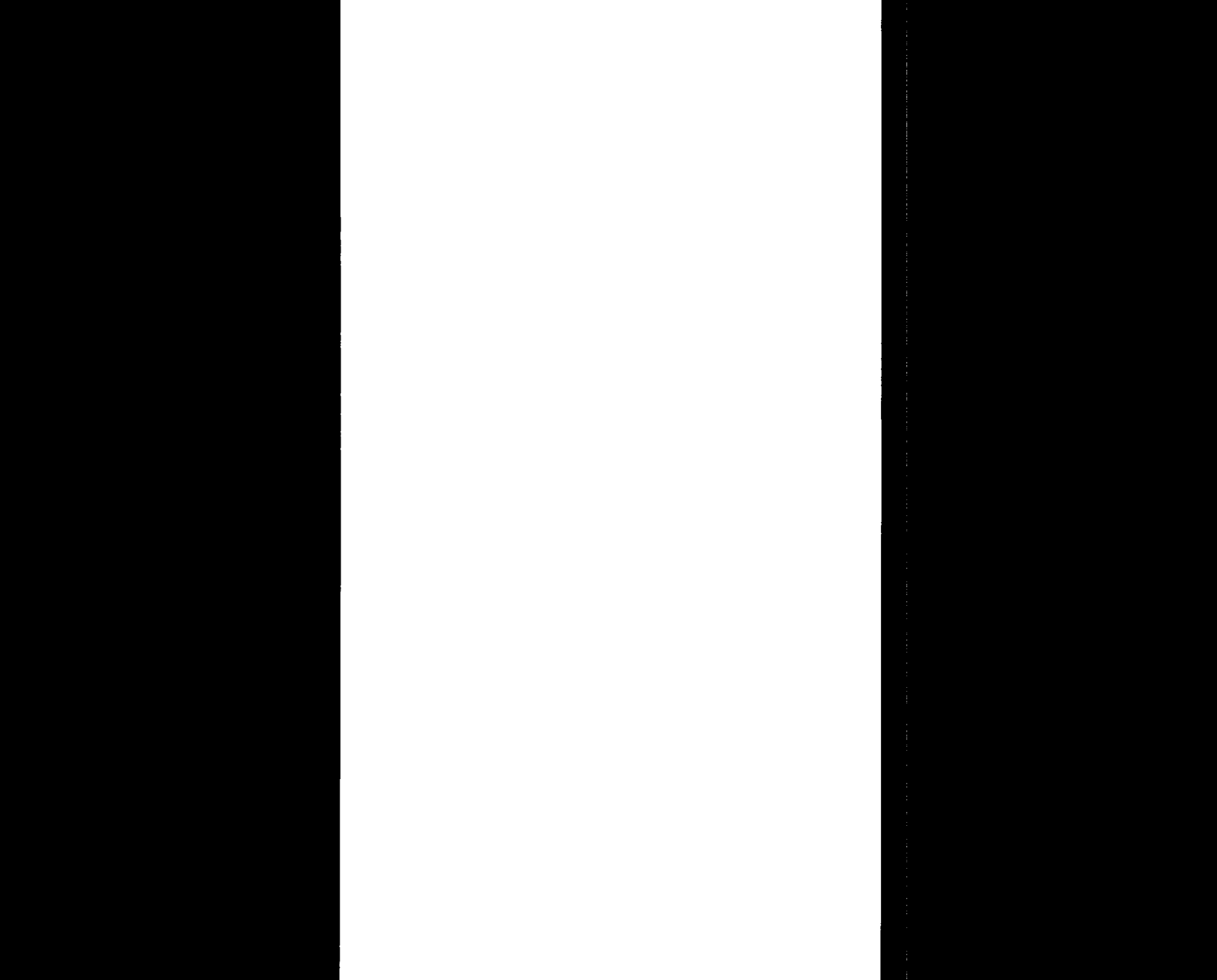
*Vejo a madrugada
despedir a coruja
e assombrar o dia.*



Dílson Lages Monteiro

PALHAÇO

*Nada mais engraçado
que o sorriso do espelho.*



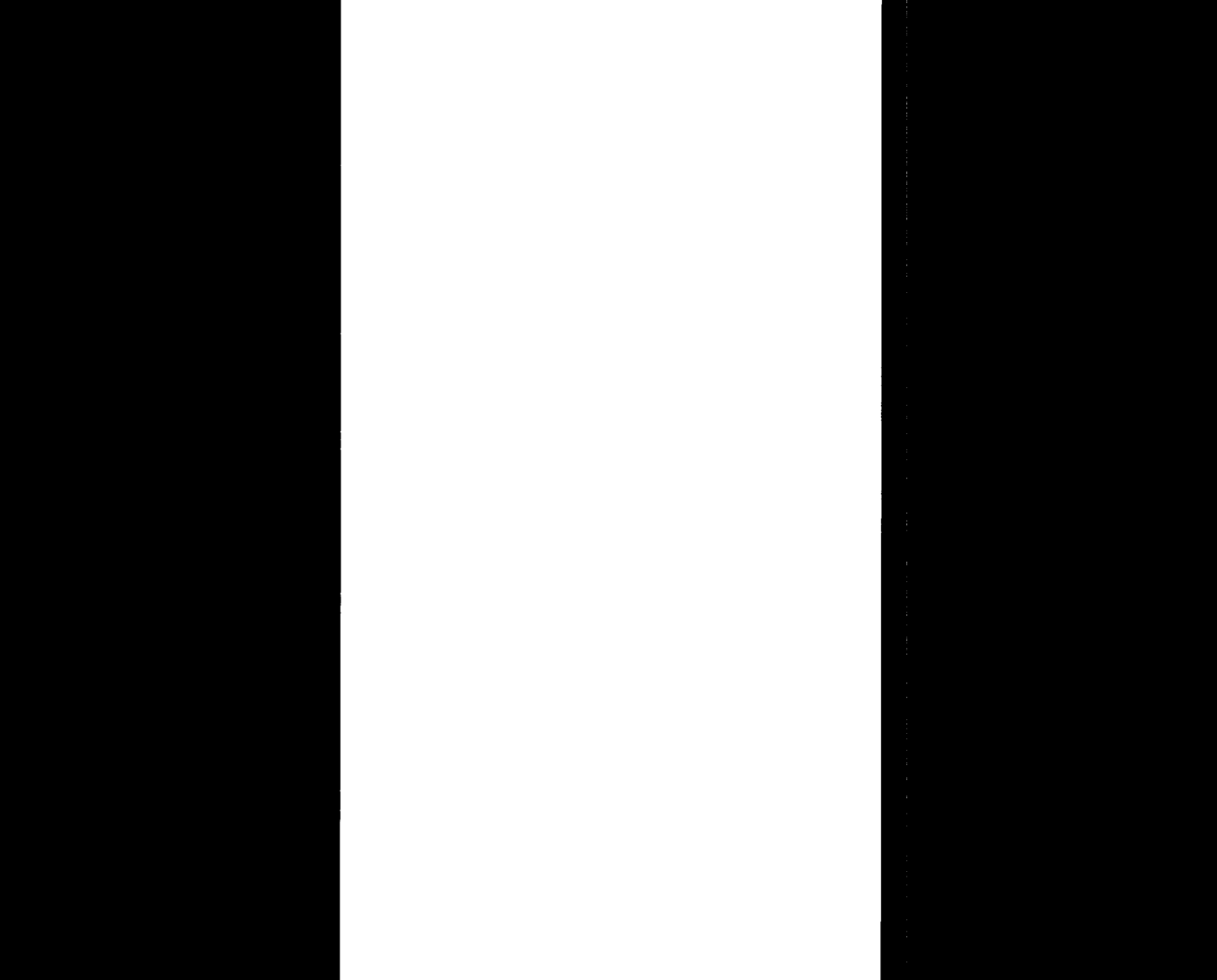


III

“(...)
a PELE,
O NARIZ,
OS OLHOS
em meu
CORAÇÃO,
POESIA”

*“Dílson Lages Monteiro é “total”, abrangente, objetivo,
filosófico, garimpeiro da Alma e da Vida, e, justamente
por tudo isto, universal.”*

Caio Porfírio Carneiro - contista e crítico literário





PERMANÊNCIA

*Minha pele não vê
a superfície da luz oculta
e o tato toca o corpo
sem sentir
o tom das tuas mãos.*

*Meu nariz não respira
o cair de tua presença
como sombra de meus passos
nem o olfato fala
teu cheiro de flores do campo.*

*Meus olhos não degustam
a grama da cama macia
e o paladar mastiga os lábios
sem engolir o gosto
dos beijos de açúcar.*

*Mas a pele, o nariz, os olhos
em meu coração, poesia.*



A (RE)invenção do homem

*A água na vidraça
despedaça o desejo
e desce pelo seio da parede
e despe o peito da distancia
e a ti me une.*

*A água na vidraça
despedaça o desejo
e abre em pedaços
o guarda-roupa
de faces e disfarces
no céu que nos une.*



Dílson Lages Monteiro

FLASH NUMA FLOR

*Uma borboleta sedenta de silêncio
semeia o cio da tarde
e respira o girassol da solidão.*

(In) decisão

*Cai o sereno nas notas da noite
e o coração do sol se assombra.*

*Cai sobre a máscara do mar
e a face cega do amor
canta uma canção de despedida.*

*Cai sobre as pálpebras da boneca
despenteada pelo calor dos olhos.*

*Cai sobre as mãos
que acenam o adeus.*



A VAIDADE DO VERÃO

*A solidão do sol absorve
o verão vitorioso
das tardes de agosto
e o gosto da vida
vira gota de lágrima perdida.*

*A solidão do sol silencia
o sepulcro das ruas
que rastejam na poeira do poente.*

*A solidão do sol
apaixonada pelo brilho
dos próprios olhos
atira-se sobre o telhado
da casa
e morre curiosa.*



TERAPIA

*Consigo me ver nos seus olhos.
Neles me vejo
como quem vê a si no silêncio.*

*Consigo ser o sal de seus sentidos
e o sol das emoções
vestidas pelo suor suave
que me confunde os verbos.*

*Consigo tocar a lucidez da sua face
e a loucura dos pensamentos
mergulhados no mar
que nos atira à areia.*

*Consigo o céu pausa
na palma de minha mão.
Eu astro e rei
brinco de tiro ao alvo.*



Dílson Lages Monteiro

POR TRÁS DAS PALAVRAS

*O homem mergulha na imensidão do livro
e as letras agigantam-se
diante dos olhos.*

*Letras gordas, dançantes, temíveis
sob a retina do observador
valsam no velejar da aventura.*

*As palavras marcham nas páginas da mesa
e misturam histórias diferentes
ligadas pelos laços do amor.*



REMÉDIO PARA RESSACA

*A mulher de vermelho
molha as flores da passarela
e resgata o passo do pássaro
na manhã embriagada.*



Cem Palavras

*Por que a palavra?
Se os pulsos param a garganta
se as mãos se pregam ao rosto
se os pés tocam o ar
como quem vê
na fonte dos olhos
a visão da serpente?*

*Por que palavra?
Se o coração da falta se desfez
se o cérebro despedaçou o silêncio
como quem pisa
o brinquedo da criança?*

*Por que a palavra?
Se a fala esgotou o peito
e as gotas do olhar
fertilizam o corpo
de fúria e desgosto?*



PARADA PARA A PASSAGEM DA MUSA

*O campeador colhe os grãos
da chuva vadia
no dia distante.*

*Na estante, retratos
e traços
pedaços de pó.*

*Na linha do horizonte
a janela aberta
e o sol escondido
de trás da cortina.*



sim

*Amar assim
como mar à tona
na frágil maratona
do naufrágio em si.*

*Amar assim
os cabelos da beldade
nas pedras das montanhas
o impulso do olhar
na impureza do céu
a pele de papel
nos lírios da luz.*

*Amar assim o ar
tão visceralmente sim
o fogo, a água, o ser.*



DE CORPO e ALMA

*O seio pulsa na palma da mão
e rasteja sobre a pele
em que a coruja constrói
a nudez dos versos.*



SOMBRA DE EROS

*A tua alma brilha
nas paredes do meu quarto
no silêncio da noite escura.*

*E os raios de teu riso
oferecem ao ar
os riscos de tuas cores:*

*O vermelho paira na pele
e o calor róseo
de preto e branco
veste a luz.*

*Ofusco-me com o rumor
de tua presença
e a alma de teu sorriso ilha
brilha na lembrança
livre de impedimentos.*



ROSAS NO CÉU

*A mulher manda uma mensagem
aos olhos do oleiro
e acende rosas no céu dos corações.*

*Os rostos transpiram o sabor dos sentidos
a ardor de emoções
no silêncio da hora vadia.*

*Os corpos navegam na sensação
e a distância que os une
eterniza a noite.*

*E tateia o vento
e seus suspiros.*



(in)certeza da ilusão

*Entrego a ti
o trajeto de minha emoção
e naufrago no afeto de teu tribunal.*

*Teu coração pequeno não comporta
o compasso de meus passos
e machuca o caminho das sensações.*

*Entregou-me a ti teu coração
cortado pelo olhar da tarde
que desce no degrau do firmamento.*

*Entrego-me a teu coração
o curso do sol que divide o hoje
entre o ontem e o amanhã.*



samba na avenida

*O motorista toca
a festa do tráfego.*

*Carros alados alargam
a imagem da estrada
e a paisagem caminha
com a sereia sambando
na avenida.*

*O motorista trafega
nos risos das ruas
e constrói o além
nas luzes do farol
que sinalizam a viagem.*



TAL VEZ

*Um dia talvez
a tarde se deita
debaixo de meu lençol
e o corpo do tempo
seja o seio
que seguro
em minha mãos.*

*Um dia talvez
os versos do olhar
liguem o céu à terra
e o corpo do tempo
seja o seio
que desliza
em meus lábios.*

*Um dia talvez
teus labirintos
sejam a linha
line(ar)
do pensamento
e o presente reviva
colorindo o peito.*



O POETA CONTEMPLA A LUA

*Nas olheiras da mulher deserta
o destemido desliza
os olhos de deus.*

*As pálpebras deitam sobre a areia
e o criador cria a miragem
na imagem da retina.*

*O rei engole o olhar da mulher
e a brisa varre as curvas
da montanha despida.*



DELÍRIO

*Sepultei o silencio dos versos
para perfurar a sala
com minha luz de lua.*

*E a aventura voando veloz
nas nuvens vestidas de sombras
deixou para trás o amor em chamas.*

*Agora sepulto os prédios da cidade
nas curvas do teu alvorecer
e as pálpebras sentem
a distância da união que nos separa.*

*Sepulto os presentes do teu perfume
e fumo a fumaça
do ar que restou
depois da noite.*



CAMISA DE FORÇA

*A camisa colada ao corpo
cobre o encanto de tanto amor.*

*A camisa colada ao corpo
cobre a jornada
dos olhos que se prendem
no espaço da passarela.*

*O corpo colado à camisa
cobre de suor
os sonhos da sala
no encanto de tanto amor.*



A MULHER DE NEON

Folhas mortas se es(palha)vam pelo jardim
quando a flor irrompeu
e invadiu o vazio da casa.

As plantas
(re)vigoraram as graças do sol-riso
e o espaço cedeu ar
para a luz do céu azul.

A luminosa-idade encontrou abertas
as portas do (re)cinto
e as paredes estremeceram ante o corpo e a alma
imaginariamente nus.

Mas o brilho partiu
e o jardim ag(ora) perfumado
de cores feneceu
na escuridão dos cômodos
desabitados.

Folhas mortas se espalhavam pelo jardim
e a mulher de neon
o vento que abriu as janelas.

PORVIR

|

*A brisa dos cabelos
luminosos da praça
suaviza
o vício de te ter
em sonhos.*

||

*O ar da noite
lilás dos lábios
lança
as labaredas do corpo
ao vício de em sonhos
te ter.*



III

*A nuvem dos olhos
lobos do tempo
in(ter)liga
o feitiço das horas
ao sonho de te ter
em ví-cio.*

IV

*A nuvem, o ar, a brisa
reduzem-me ao delírio
de ser
uma redoma
diante de ti.*



CORPO INCANDESCENTE

*As paredes respiram
o arrepio do corpo
nas redes da desconhecida.*

*Por instantes
o canto da noite
alucina a lua
e ofusca o coração.*

*Só então o navegador de sonhos
ancora a nau
nas raízes da árvore
e o quarto, todo luz.*



Lei da natureza

*O girassol dos teus cabelos
deixa tonto o ar
e o rastro de luz na escuridão
de meus pensamentos
claros de amor e fogo.*

*O girassol nos meus olhos
gira o sol
no sangue do desejo
de me completar
em ti.*

*O girassol dos teus cabelos
nos meus olhos
transcende o céu
sobre nossos pés.*



ASSIM

*Não se entregue assim
por inteiro
se a tarde demora
e o demônio mora
na hora mórbida
desse momento.*

*Não se entregue assim
Passageiro
se o pássaro pouisa
em sua audição
o som triste
da natureza.*

*Se entregue assim
por inteiro
se o coração suspira
o suor do silêncio
e a noite diz sim.*



CONJUGAÇÃO

Eu te per-tenso

tu me pertences

nós nus pertencemos

em todos

os tempos

verb-ais.



O GALOPE DAS ESTRELAS

*Meus olhos tocam o campo
onde cavalgamos sonhos.*

*Ouço o mugido do gado
preservando o encanto da noite
e galopamos na tangente do açude
onde o céu se oferece para contemplação.*

*A madrugada corre ensandecida.
Minhas mãos alcançam as alturas
e degusto o oásis do sertão
onde cavalgamos sonhos.*



CINCO MINUTOS

*O mundo desaba
na porta
delicada da aventura
e reserva todos os amores
recaídos sobre as mãos postas
no peitoril enfeitado de flores
enquanto a loucura
torna o canto
a muda mais bela dos jardins
e o corpo encobre o corpo
der-re-ti-do em desejo.*



EMBRIGUEZ

*A suavidade do suor da sereia
penetra na pele áspera
do pescador de sonhos
e arrepia os pelos
do mar que marca
o imaginável caminho
da embarcação.*



Devaneio

*A mulher finta
o fôlego do fumante
fazendo laços na areia
e fecha a porta
com a chave de ouro
e sonha sozinha
na fumaça do cinzeiro.*



PERIPÉCIA URBANA

*No cio do trânsito
o edifício faz travessuras.*

*As vidraças do prédio
acompanham os seios
nas blusas das passantes*

*Das janelas dos apartamentos
a distância entre os mundos
curva-se aos breves versos
dos olhares.*

*Além da fronteira das ruas
o observador conta
nos detalhes da tarde
as pétalas das rosas.*



ALMA (des)encontrada

*Arranquei os espinhos do teu corpo
com os dentes
e lambi meus lábios
com os tentáculos de minhas mãos vazias.*

*Arranquei os dentes de teus espinhos
e pisei as tuas curvas de serpente
que me furaram a pele
e me deixaram surdo.*

*Arranquei o corpo dos teus espinhos
e a essência do teu perfume
cegou-me o ego.*

*Arranquei os espinhos do teu corpo
com os dentes
e tento sair do labirinto
de não ser mais eu.*



CARNE DE PAPEL

*Sem o corpo
o espírito vaga no ar
da paisagem oculta.*

*Sem o corpo
o espírito vaga
por onde crescem os fantasmas
de tuas fortalezas.*

*Sem o corpo
a paisagem oculta
a sinuosa curva do sonho
que se dissolve pelo chão.*

*Sem o corpo a noite
escurece o céu de silêncios
e o espírito se perde
entre as estrelas
para te encontrar
onde a memória alcança.*



Dilema

*Uma dúvida penetra
no
nos-so nó.*



CORAÇÃO SEM FRONTEIRAS

*Vou viajar pelas curvas de teus beijos
e me perder nas alças da tua blusa.*

*Vou velejar pelos traços do teu corpo
e ouvirei a rua ri para meus desejos.*

*Vou viajar pela tua pele de pólvora
enquanto a avenida verseja a sinfonia da noite.*

*Vou velejar pelas cachoeiras dos teus cabelos
e adormecerei sob o céu dos teus olhos.*



Dílson Lages Monteiro

SENHORA DE MIM

*O espaço cola minha alma à tua
e sou presa fácil
do olhar fixo dos passarinhos.*

*O ar acaricia teu rosto
e a febre da tua boca
esfria meu estomago quente.*

*Sou presa fácil
meus pés pisam o asfalto
que cola minha alma à tua.*



JANELA DO INFINITO

*Árvore que brilha sob o cabelo
o galho de flores ilumina a noite
de cinzas e estrelas.*

*Sob o cabelo
a beldade se debruça em sonhos
nas sombras do presépio de Natal.*

*Sob o cabelo
a beleza é uma mulher
de asas e delírios.*



(re) presa

*A água debaixo da ponte
agita-se com o reflexo do céu
e devora a noite
tecendo o rio de estrelas.*

*Debaixo da ponte
os lábios das margens
molham-se de delírios
e os lírios olham a imensidão.*

*Debaixo da ponte
o corpo da água escorre
entre os dedos de concreto
e esbarra no beijo da vegetação.*



sinestesia

*A minha face se refaz
nas pedras das tuas palavras
e o suor segue os trilhos
das nossas almas incertas.*

*No caminho
as trevas descortinam
as vestes do inconsciente
e liberta o medo que nos apavora.*

*Somos criatura da noite
devorando a dor
que nos alimenta.*

*E os defeitos
desfeitos de todos os sons
diluem-se na confusão
dos sentidos.*



POEMA ENTRE QUATRO PAREDES

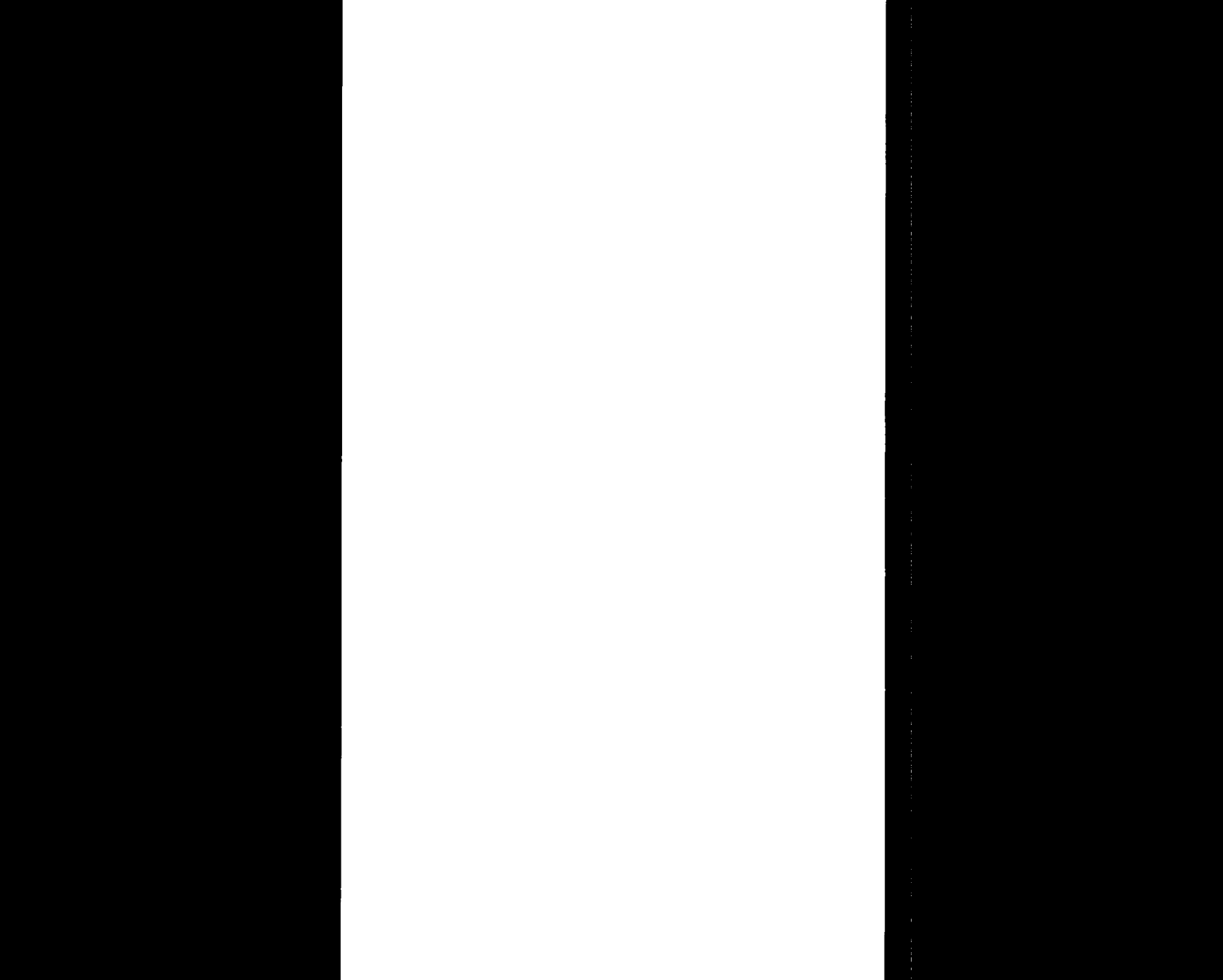
À Alda – de meus olhos – Íris

*Em meu lençol
o suor se dis-sol-vê
sobre o teu perfume.*

*Em meu lençol
teus olhos brasas
de asas
na pele do ar.*

*Em meu lençol
tuas mãos
travesseiros na noite
insone.*

*Em meu lençol
condeno-me
a imaginar-te assim
como a manhã sem fim.*





O AUTOR

Além de escrever poemas, Dílson Lages Monteiro produziu novela, crônica, ensaio, livro didático e conto infantil. Lançou os livros “Mais hum” (1995), “Cabeceiras – a marcha das mudanças”, coautoria (1995), “Colmeia de concreto” (1997), “Os olhos do silêncio” (1999), “O sabor dos sentidos” (2001), “A metáfora em textos argumentativos” (2001) “Entretextos – artigos e entrevistas” (2005), “Texto argumentativo – teoria e prática” (2007), “Adiante dos olhos suspensos” (2009), “O morro da casa-grande” (2009) e O rato da roupa de ouro (2013).

Nascido em 1973, em Barras do Marathaoan-PI, vive desde a adolescência em Teresina, onde se graduou em Letras, em 1994, pela Universidade Estadual do Piauí. Especializou-se em Língua Portuguesa (PUC-SP) e em Revisão de Textos (PUC-MG). Exerce o magistério, atuando no aprimoramento da competência linguística de alunos de Ensino Médio há mais de duas décadas. Dirige o Laboratório de Redação Professor Dílson Lages e o Portal Entretextos (www.portalentretextos.com.br). Dedicou-se também à edição de livros.

CAPA Duodesign 250g/m²
MIOLO Off-Set 75g/m²
FONTES KG Skinny Latte 20pt, Lato 10pt
EDITORIA Portal Entretextos
IMPRESSÃO Halley S.A. Gráfica e Editora
Impresso No Brasil

